

La Comédiathèque

Preliminares

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Preliminares

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Um homem e uma mulher se encontram todos os dias em um café. Sentados sozinhos em mesas separadas, observam-se de soslaio com curiosidade, sem ousar ainda se falar. Irão sucumbir ao desejo de um encontro cuja realidade não necessariamente estará à altura do que ambos haviam fantasiado? Conhecer-se sempre implica reduzir as possibilidades. Permanecer nos preliminares implica correr o risco de perder o essencial...

Distribuição

Ela

Ele

© La Comédiathèque

Cena 1

Um homem e uma mulher estão sentados em uma cafeteria, cada um em sua própria mesa. Há uma terceira mesa vazia entre eles, com alguns jornais. Ambos têm cadernos à frente e escrevem algumas notas de vez em quando. Cada um evita fitar o outro, mas lança ocasionalmente um olhar furtivo na sua direção. O homem se levanta e se dirige ao público, enquanto a mulher permanece sentada sem mudar sua atitude, ignorando-o.

Ele – Vocês veem aquela mulher sentada naquela mesa? Ela está aqui todas as manhãs. Chega um pouco antes ou um pouco depois de mim. Por volta das oito da manhã. Pede um café. Fica cerca de três quartos de hora. Sempre sozinha. Parece perdida em seus pensamentos. De vez em quando, anota algo em seu caderno. O quê? Eu não sei. Essa mulher é um mistério. Cada mulher é um mistério antes de dirigirmos a palavra a ela e recebermos sua resposta, se ela concordar. Um mistério e, portanto, uma promessa. A promessa de uma jornada. De uma aventura. Um salto ao desconhecido. A emoção desse encontro emocionante, porém perigoso, com o outro... Claro, eu poderia me levantar e falar com ela. Mas na realidade, não é apenas a timidez que me segura. Nem o medo de ser rejeitado. Sempre se pode encontrar uma desculpa para abordar uma desconhecida sem se arriscar a cair na esfera escorregadia da estratégia de conquista típica...

Ele puxa um objeto minúsculo do bolso, se aproxima dela e mostra algo na palma da mão.

Ele – Com licença, senhorita... ou talvez senhora? Encontrei um brinco esta manhã embaixo da mesa que costuma ocupar. Eu estava me perguntando se poderia tê-lo perdido...

Ela o olha indignada, dá uma olhada rápida no brinco, balança ligeiramente a cabeça com desdém e volta a se concentrar em seu caderno. Ele se vira novamente para o público.

Ele – Na pior das hipóteses, ela me responderia educadamente que não perdeu algo assim, e isso seria tudo. Eu saberia com o que contar e manteria minha dignidade. Na melhor das hipóteses, se eu não lhe fosse completamente indiferente, ela aproveitaria a oportunidade para aceitar a oferta que estou fazendo e iniciar uma conversa.

Ele se volta para ela, com a palma da mão aberta. Ela pega o brinco e o examina antes de devolvê-lo com um grande sorriso.

Ela – Não... Infelizmente, não é meu. Pena, é muito bonito... Se por acaso encontrar o segundo, por favor me avise... Mas por favor, sente-se... Cruzamos todos os dias e ainda não tivemos a oportunidade de conversar...

Ele se afasta e se volta novamente para o público, enquanto ela mergulha novamente em seu caderno, ignorando-o mais uma vez.

Ele – Não, o que me impede de me aproximar dela não é o medo de receber uma rejeição, uma negação ou um desdém... Falta de conexão, como dizem hoje em dia. Não, seria mais... o medo da decepção. Bem, tenho certeza de que a conversa dessa jovem encantadora é absolutamente fascinante, mas... quando souber exatamente quem ela é, como se chama, a que se dedica, se é casada ou não, e especialmente o que ela pode escrever em seu pequeno caderno... Aí está... De repente, ela não será mais a desconhecida misteriosa do café, objeto de todas as fantasias e portadora de todas as promessas. Ela será a Luísa, professora, divorciada e mãe de um menino de três anos, escrevendo comentários para sua próxima reunião de pais... Ou talvez a Júlia, atriz solteira, anotando ideias que lhe ocorrem para o monólogo que sonha em escrever há anos e que finalmente a tornaria famosa. Ou ainda a Marina, romena, recém-chegada à Portugal para casar com um farmacêutico idoso, e que, para afastar o tédio enquanto ainda não se atreve a enganar o marido, escreve em papel a lista de seus desejos antes de decidir com quem dormir para satisfazê-los. Sim. Por enquanto, ela é todas essas mulheres e muitas mais. Ela é todas as mulheres. Mas quando nos apresentarmos, ela será apenas uma mulher, o que me fará lamentar todas aquelas que ela nunca será.

Ele pega um jornal da mesa do meio, volta a se sentar e começa a folheá-lo. Ela lança um olhar furtivo, levanta-se também e se volta para o público.

Ela – Eu me pergunto quem pode ser esse cara... Eu vejo claramente que ele me olha de soslaio, quando pensa que não estou vendo. Deve ser tímido. Nós nos cruzamos todos os dias aqui há meses, e ele ainda não teve coragem de me dirigir a palavra. A menos que simplesmente não esteja interessado... Talvez eu não seja boa o suficiente para ele, é isso. Quem ele pensa que é? Ele também não é tão atraente assim. E se ele tivesse coisas mais importantes para fazer na vida, com certeza não passaria tanto tempo neste café todas as manhãs. O que ele está olhando nesse jornal? O horóscopo dele? As ofertas de emprego? Sim, parece ocioso. Talvez esteja desempregado... Desocupado, mas não necessariamente desesperado. Sempre um sorriso irônico vago no canto dos lábios. Um ar de superioridade. Como se... mesmo sem dizer nada, estivesse a par de tudo. Não sei o que ele pode estar anotando em seu caderno com essa expressão inspirada. Os pensamentos mais profundos dele, sem dúvida... Eu ficaria curiosa para ver isso... Há um tempo atrás, eu achei que ele ia se levantar e me dizer alguma coisa. Mas não, ele recuou novamente. Ou talvez ele seja um escritor. Está tomando notas para o próximo romance dele. Talvez a heroína dele se pareça um pouco comigo. Sim, isso. Ele prefere que nossa história continue sendo virtual. Não sei o que ele pode estar imaginando ao me olhar...

Ela tira um espelho de bolso de sua bolsa e se olha por um momento.

Ela – Se eu me encontrasse comigo mesma em um café, o que eu imaginaria? (*Guarda o espelho*) Não sei... Será que eu realmente pareço o que sou? Teria alguma chance de me passar por outra pessoa? Vejam bem, se ele se aproximasse de mim, eu teria vontade de mentir para ele. Inventar uma vida diferente. Só para ver se posso enganá-lo. É verdade, quando um desconhecido se aproxima de você, por definição, você não sabe nada sobre ele. Pode ser qualquer pessoa e contar qualquer coisa. Mas

ele também não sabe nada sobre você. Por alguns momentos, pelo menos antes de ser vergonhosamente descoberta, você tem a liberdade de escolher quem será naquele dia. Com a esperança louca de se transformar aos poucos na pessoa que você decidiu ser. Outra vida... Sim, mas qual? Para que funcione, eu teria que trabalhar na minha personagem. Inventar um nome. Um emprego. Também uma idade. Eu gostaria de parecer um pouco mais jovem, se possível. Não muito, tem que ser crível, mas apenas por diversão. Dois ou três anos. Bem, cinco, ainda poderia passar. E se eu adotasse um sotaque estrangeiro? Não, será muito difícil de manter a longo prazo. Além disso, posso ser estrangeira e falar perfeitamente português. Bem, mas para dar vida a essa nova existência, primeiro ele teria que tomar a iniciativa de falar comigo. E se eu sorrisse para ele? Isso poderia incentivá-lo. Ao mesmo tempo, não consigo me imaginar olhando fixamente nos olhos dele enquanto sorrio toscamente. Quem ele pensaria que eu sou? Ou talvez seja eu quem vá até ele. Eu sempre posso encontrar uma desculpa. Não sei, algo assim...

Ela discretamente tira os brincos, guarda um em sua bolsa e segura o outro em sua mão. Depois olha embaixo da mesa como se estivesse procurando por algo. Finalmente, ela se levanta e se aproxima dele. Ele guarda o jornal e a olha um pouco desconcertado.

Ela – Desculpe, ontem eu perdi um brinco como este. Eu gostava muito dele. Foi um presente de... Bem, eu gostava muito dele. Você não o encontrou por acaso, né?

Ele – Um brinco...? Eu... Não, não encontrei nada... Sinto muito, mas...

Ela – Mas...?

Ele – Não, não, nada, eu... Não vi nada.

Ela – Bem, obrigada.

Ela se senta novamente e se dirige ao público.

Ela – Imaginem só se eu me abrir com uma abordagem como essa, e ele me responder com essa expressão boba... Escritor, ele...? Não, sinceramente, prefiro não arriscar um encontro banal e manter minhas ilusões um pouco mais. Embora talvez ele não seja tão bobo quanto parece. É preciso dizer que o peguei de surpresa. Os homens estão tão acostumados a tomar a iniciativa... Quando somos nós que tomamos a iniciativa, eles entram em pânico. Ficam petrificados... Mas vocês viram isso? Assim que pus meus olhos nele... Ele parecia um coelho preso nos faróis de um carro, que já está na panela assim que chega em casa. Coitadinho... Eu o assustei, foi isso. Espero não tê-lo traumatizado, pelo menos... Mas é que essa história do brinco... é um pouco forçada. Vou tentar encontrar algo melhor para amanhã...

Ela volta a rabiscar em seu caderno. Ele volta a se envolver em seu diário.

Escuro

Cena 2

Ela está lendo o jornal e ele está rabiscando em seu caderno. Ele para e a olha por um momento. Então se vira novamente para a plateia.

Ele – Todos os dias me digo que desta vez sim, vou falar com ela. E depois, adio para amanhã. Faço o prazer durar. O amor platónico está bom, mas estar apaixonado por uma desconhecida é ainda melhor, não é? Pelo menos assim tenho a certeza de nunca ser decepcionado. O problema com o amor é que projectamos na outra pessoa uma imagem que não é a dela. E depois a repreendemos por não se ajustar a esse ideal. Com uma mulher que não conhecemos, pelo menos podemos continuar sonhando. Tomar as realidades como nossos desejos. Sim, definitivamente, a mulher ideal é aquela que ainda não conhecemos. Eu a vejo todos os dias entrando neste café. Ou talvez ela já esteja lá se eu chegar um pouco tarde. Ela fica apenas uma hora, e então vai embora. Ela não tem nenhuma outra existência para mim fora deste aqui e agora. Um pouco como no teatro. Sou eu quem escolhe o papel que ela interpretará naquele dia, de acordo com meu estado de espírito naquele momento. E quando ela sai do palco, depois de ter encarnado a cada vez um personagem diferente, ela volta ao nada. Qualquer ator é menor que o menor dos personagens que ele tiver que interpretar. O traje sempre fica grande demais para ele, e o palco é o único lugar onde não fica muito óbvio. Então eu espero... Eu constantemente adio o momento de quebrar o encanto, de conhecê-la. Sim... mas e se amanhã ela não estiver lá? Nem depois de amanhã? E se ela não pisar mais neste café? Depois de ter sido todas as mulheres, ela não seria mais nenhuma. Apenas uma vaga lembrança que desaparecerá aos poucos. Não, eu não vou deixar essa oportunidade passar. Eu me lanço. Sem rede. Também subo no palco, mas não aprendi nenhum texto. Não tenho ideia do que direi a ela. Pelo menos assim parecerá mais natural. Mais sincero. Minha torpeza pode jogar a meu favor. Não importa o que eu diga a ela, se não a interessar, com certeza ela me deixará saber. E se interessar, também.

Ele se aproxima dela. Ela levanta os olhos ao vê-lo se aproximando, mas seu rosto permanece impassível.

Ele – Desculpe, eu...

Ela – Sim... o que foi?

Ele – Eu vejo você todos os dias sentada aqui na minha frente e pensei que...

Ela – O quê...?

Ele – Enfim, talvez nós pudéssemos... nos conhecer.

Ela – Nos conhecer?

Ele – Desculpe, vejo que estou incomodando. Foi uma tolice da minha parte. Desculpe, eu vou te deixar em paz...

Ela (*firmemente*) – Sente-se.

Ele – Sim.

Ele se senta.

Ela – Meu nome é Virginia, e o seu?

Ele – Eh... Pablo.

Ela – Tudo bem... Pablo e Virginia, então.

Ele – Eh... Sim...

Ela – E o que você faz da vida, Pablo?

Ele – Eu sou... escritor.

Ela – Ah, sim!

Ele – Isso te surpreende?

Ela – É exatamente o que eu tinha imaginado. É isso que me surpreende.

Ele – Então, você já tinha imaginado alguma coisa...

Ela – Não se empolgue muito...

Ele – Eu pareço tanto um escritor?

Ela – Não sei. Talvez. E eu sempre vejo você escrevendo coisas nesse pequeno caderno.

Ele – Certo, mas... você também faz anotações em um caderno. Não me diga que você também é escritora?

Ela – Pois é!

Ele – Sério?

Ela – Por que não?

Ele – Claro... Romance?

Ela – Teatro, na verdade. E você?

Ele – Contos.

Ela – Entendi...

Ele – Eu sei no que você está pensando.

Ela – O quê?

Ele – Ele escreve contos porque não consegue escrever um romance completo.

Ela – De jeito nenhum! Aliás, você poderia dizer o mesmo de mim.

Ele – Ah, sim?

Ela – Ela escreve peças de teatro porque não consegue escrever um romance.

Ele – É verdade...

Ela – Na verdade, eu não escrevo realmente peças de teatro.

Ele – Ah, não?

Ela – Eu escrevo mais sketches.

Ele – Os sketches são para o teatro o que o conto é para o romance.

Ela – Sim... Um subgênero... *(Pausa)* Você é mesmo escritor?

Ele – Talvez não. E você?

Ela – Também não.

Ele – Então você mentiu para mim.

Ela – Você começou, não é?

Ele – Sim... mas você não sabia.

Ela – Por que escritor?

Ele – Não sei... Acho que tinha medo de te decepcionar.

Ela – Ainda nem nos conhecemos e você já tem medo de me decepcionar. Acho que você precisa de um pouco mais de autoconfiança, Pablo.

Ele – Ou talvez eu tenha tendência a superestimar um pouco as pessoas que não conheço.

Ela – Isso é muito gentil da sua parte...

Ele – Desculpe, não era bem isso que eu queria dizer...

Ela – E a que tipo de emprego tão vergonhoso você se dedica que precisa inventar outra profissão? Você trabalha em um necrotério?

Ele – Não.

Ela – Você faz telemarketing?

Ele – Também não.

Ela – Entrega pizza?

Ele – De jeito nenhum.

Ela – Mas você não parece realmente orgulhoso do que faz.

Ele – Não. E você?

Ela – Eu também não.

Ele – Bem... então talvez devêssemos manter nosso mistério.

Ela – Acho que é o melhor.

Ele – E se ficarmos com "escritor"?

Ela – Concordo.

Ele – E se vamos mentir, por que começar menosprezando a nós mesmos...?

Pausa

Ele – Então, eu sou romancista.

Ela – E eu sou dramaturga.

Ele – Você é casada?

Ela – Aí não é como a profissão, é uma pergunta fechada, como eles dizem em pesquisas. Você é casado ou não é.

Ele – Sempre dá para mentir na resposta...

Ela – Sim... mas isso deixa pouco espaço para imaginação.

Ele – Mesmo assim... Um adultério é sempre mais romântico.

Ela – É verdade.

Ele – Além disso, a resposta não precisa necessariamente ser binária... Você também poderia ser divorciada. Ou viúva...

Ela – Viúva...

Ele – Por que não?

Ela – Sim...

Ele – Você é viúva?

Ela – Sou viúva.

Ele – Sinto muito.

Ela – Você não podia saber. E além disso, não é culpa sua, né? Você não foi quem matou meu marido.

Ele – Ah, porque ele foi morto?

Ela – Eu disse isso?

Ele – Você disse: "não é você quem o matou".

Ela – Só queria dizer que você não era responsável pelo desaparecimento dele.

Ele – Então seu marido não foi morto.

Ela – Não, ele morreu de uma maneira muito mais trivial. Quase estupidamente, se posso dizer assim...

Ele – Morrer é sempre um pouco idiota.

Ela – Ah, sim, mas nesse caso...

Ele – Não quero ser indiscreto, mas devo dizer que você despertou minha curiosidade.

Ela – Foi durante nossa lua de mel nas Canárias.

Ele – Você está certa, começa de uma maneira muito trivial. Como um romance cor-de-rosa. Espero que melhore depois...

Ela – Posso continuar?

Ele – Claro...

Ela – Passamos a tarde em uma praia paradisíaca, o sol estava magnífico. Estávamos nos preparando para voltar ao hotel quando de repente, o tempo mudou e ficou tempestuoso... José-Luis...

Ele – Ele se chamava José-Luis?

Ela – Sim, por quê?

Ele – Não, não, não é nada...

Ela – Preferia que ele tivesse outro nome? Steven, talvez? Ou Kevin?

Ele – José-Luis está bom. Então o tempo mudou para tempestade...

Ela – O vento começou a soprar forte. José-Luis agarrou a alça do guarda-sol, que a tempestade estava prestes a levar e naquele exato momento...

Ela faz uma pausa, como se estivesse sobrecarregada pela emoção.

Ele – Sim.

Ela – Um raio caiu nele...

Ele – Não? Um ataque extraterrestre?

Ela – Eu disse que foi uma morte muito comum.

Ele – Ah, desculpe... Sempre tenho tendência a...

Ela – Um raio, simplesmente. O guarda-sol atraiu o raio, como um para-raios. José-Luis foi fulminado. Ele morreu instantaneamente...

Ele – Que droga!

Ela – No final, só fui casada por uma semana...

Ele – Se fosse um romance cor-de-rosa, poderíamos chamá-lo de "Lua de mel trágica nas Canárias"...

Ela – Mas romances cor-de-rosa sempre têm um final feliz... Eu nunca superei o desaparecimento de José-Luis...

Ela parece à beira das lágrimas. Ele parece hesitar.

Ele – Mas... é verdade?

Ela repentinamente volta a ficar impassível.

Ela – O que você acha?

Ele – Não sei... É tão...

Ela – Estúpida? Já disse, foi uma morte estúpida.

Ele – Enfim, o importante é que agora você está livre.

Ela – E você?

Ele – Eu?

Ela – Você está livre?

Ele – Sim... Bem... sou casado, mas sou livre.

Ela – Agora você me intriga...

Ele – É bem simples, você vai ver.

Ela – Estou ouvindo.

Ele – Bem, acontece que eu sou livre, mas minha esposa não é.

Ela – Sua esposa não é livre.

Ele – Ela está na prisão.

Ela – Entendi...

Ele – Então ela não é livre, mas eu...

Ela – Sim, entendi, mas... por quanto tempo ela está na prisão?

Ele – Se tudo correr bem, dez anos.

Ela – Se tudo correr bem?

Ele – Com as reduções de pena... Por bom comportamento.

Ela – Não quero ser indiscreta, mas... o que ela fez para ser presa?

Ele – Tentativa de homicídio.

Ela – Entendi...

Ele – Ela tentou me matar.

Ela – Entendo...

Ele – Felizmente para ela... e secundariamente, para mim, eu sobrevivi.

Ela – E como ela fez... para tentar te matar?

Ele – Oh, de uma maneira bem comum... Com uma arma.

Ela – E suponho que falhou na tentativa.

Ele – Não é exatamente assim que aconteceu...

Ela – Conte-me isso...

Ele – Eu já suspeitava um pouco... Revirei suas coisas e encontrei o revólver que ela escondia na bolsa.

Ela – E você o pegou dela?

Ele – Não.

Ela – E por que não?

Ele – Porque aí ela teria desconfiado. E ela poderia ter usado outro meio para me matar, tipo... Eu não sei, veneno.

Ela – Sim, veneno é muito mais feminino.

Ele – Então, para não levantar suspeitas, preferi substituir as balas que estavam no revólver por balas de festim. Assim, eu mantinha o controle da situação sem levantar suspeitas...

Ela – Muito astuto...

Ele – Sim... Exceto que... não sei como me confundi um pouco... Substituí bem as primeiras cinco balas, mas a sexta...

Ela – A sexta?

Ele – Acertou meu ombro.

Ela – Uau, que pena...!

Ele – Também não era para ela esvaziar o carregador inteiro em mim... Bem, tive sorte...

Ela – Você chamaria isso de sorte...?

Ele – Uma bala no ombro é melhor do que uma no coração...

Ela – As mulheres geralmente são muito desajeitadas com armas de fogo. Daí o veneno... Mas, se me permite perguntar, o que você fez para essa pobre mulher querer atirar um carregador completo em você?

Ele – Também é uma história muito comum... Um pouco como a sua...

Ela – Ah, não, não fique muito modesto... Devo admitir que sua história claramente supera a minha... E então?

Ele – Simplesmente a enganava.

Ela – Você a enganava? E com quem?

Ele – Com uma desconhecida que conheci em um café... Este café, aliás. É engraçado, ela sempre sentava no mesmo lugar que você está agora.

Ela – Mas suponho que não na mesma hora.

Ele – Não, ela costumava vir mais tarde, por volta das cinco ou seis da tarde...

Ela – E quando ela sair da prisão...

Ele – Minha esposa?

Ela – Sim, sua esposa.

Ele – Bem... Espero que ela tenha me perdoado pela infidelidade. Assim como eu a perdoei por ter tentado me matar.

Ela – E enquanto ela estiver presa, você está livre...

Ele – Isso mesmo.

Ela – Afinal, por que não? Isso nos dá pelo menos uma década...

Ele – Talvez até um pouco mais... Se ela não se comportar bem...

Um momento.

Ela – E você diz que não é escritor.

Ele – Quem sabe... Com certeza menti. Quando disse que era, ou quando insinuei que talvez não fosse. O que você pensa sobre isso?

Ela – Acho que se você não é um escritor, deveria considerar se tornar um...

Ele – Obrigado. E você?

Ela – Eu?

Ele – Você é realmente autora de teatro?

Ela olha para o relógio.

Ela – Desculpe, preciso ir.

Ele – Claro. Essa é a hora em que você geralmente sai, não é?

Ela – Sim...

Ele – E para onde você vai? Um mistério...

Ela se levanta.

Ela – Bem, até amanhã... talvez.

Ele – Talvez...

Ela – Enquanto você tiver uma boa história para me contar, nunca faltarei a um de nossos encontros.

Ele – Isso me lembra outra história...

Ela – A nossa poderia se chamar "As mil e uma manhãs".

Ele – Mas eu não me vejo no papel de Xerazade...

Ela – Se você preferir ser o sultão, podemos trocar os papéis de vez em quando.

Ele – Bem... então vamos precisar de muita imaginação.

Ela – Tenho certeza de que você ainda tem muitas outras histórias em seu caderninho.

Ele – E você no seu.

Ela sai. Ele a observa se afastar. Então volta-se para o público.

Ele – Desculpem, mas... tenho que voltar ao trabalho.

Ele se senta novamente, reflete e começa a rabiscar algo em seu caderno.

Escuro

Cena 3

Ele está sempre sentado à sua mesa, ocupado tomando notas em seu caderno. Ela chega.

Ela – Pablo!

Ele levanta a cabeça, a reconhece e sorri.

Ele – Oi!

Ela tira uma pistola da bolsa e a aponta para ele. O sorriso do homem congela.

Ela – Achou que sairia impune assim?

Ele – Mas o que...

Ela – É com ela que tinha um encontro?

Ele – Ela?

Ela – Virginia, certo?

Ele – De jeito nenhum! Eu não conheço nenhuma Virginia, garanto...

Ela – Claro... Mas dessa vez não escapará com apenas uma bala no ombro, garanto.

Ele – Por favor, querida, não faça besteira.

Ela – Desta vez está carregada, acredite, e não com balas de festim.

Ele – Mas vamos lá... Você tinha sido condenada a dez anos! Você já foi solta?

Ela – Eu escapei.

Ele – Escapou? Como?

Ela – Fiz uma pistola esculpida com pão ralado, sequei e cobri com betume.

Ele – Uma pistola feita de pão ralado?

Ela – Exatamente.

Ele – E... é essa?

Ela hesita por um momento.

Ela – Sim...

Ela abaixa sua arma, coloca-a na mesa e se senta. Ele pega a arma e a examina.

Ele – Bravo, está bem imitada...

Ela – Peguei um guarda como refém, eles não suspeitaram de nada... Onde ele está?

Ele – Quem?

Ela – Não zombe de mim! Aquela vadia com quem você me trai...

Ele – Não sei... Hoje ela não veio...

Ela – Ela deve ter suspeitado de algo.

Ele – Sim, talvez...

Ela – Pena, poderia tê-los matado aos dois com um único golpe.

Ele – Com uma pistola de pão ralado?

Ela – Mas o que ela tem que eu não tenho? Pelo menos, me diga...

Ele – Eu não a conheço.

Ela – O quê?

Ele – O que ela tem a mais que você é que eu não a conheço.

Ela – Ela é sua amante, mas você não a conhece?

Ele – Nos encontramos aqui todos os dias. Cada vez, ela me dá um nome diferente. Ela inventa um personagem. Ela até já se passou por você...

Ela – Mas você ainda se deita com ela?

Ele – Me deitar com ela, como você diz... isso já seria conhecê-la demais.

Ela – Não tente me confundir. Ela é sua amante ou não?

Ele – Eu não sei... Sim, suponho... Pode-se dizer assim.

Ela – Coitadinho do Pablo... Por que se preocupa em inventar histórias assim? Quando tudo isso é tão comum...

Ele – Você está certa... Não importa o quanto quebrems a cabeça... Mesmo quando mentimos, tudo o que dizemos está sempre abaixo do que gostaríamos de expressar. A palavra sempre decepciona, por isso, em geral, seria melhor não falar com ninguém.

Ela – Eu não entendo nada do que você diz... Você me preocupa, Pablo. Fico me perguntando se não deveriam prender você em vez de mim.

Ele – Sim, talvez...

Ela se levanta.

Ela – De qualquer forma, se a vir, diga que estou procurando por ela. E que, mesmo que minha arma seja feita de pedaços de pão, desta vez está carregada com balas reais.

Ele – Aonde você vai?

Ela – Lembro você que estou foragida. Não posso ficar aqui.

Ele – Posso fazer algo?

Ela – Tem dinheiro com você?

Ele – Sim...

Ela – Dá.

Ele procura nos bolsos e entrega algumas notas.

Ele – Isso é tudo o que tenho...

Ela – Não se preocupe, vou devolver.

Ele – Não é pelo meu dinheiro que estou preocupado... Vamos nos ver de novo?

Ela – Quem sabe... Daqui a dez anos, talvez... Ou um pouco mais... Porque agora, conseguir uma redução de pena por bom comportamento... não é nada certo.

Ele – Vou visitar você, prometo.

Ela – No parlatório da prisão?

Ele – Quando se conversa com alguém, é um pouco como no parlatório de uma prisão, não é? Conversamos, mentimos, fingimos entender, fingimos acreditar, e quando terminamos de falar, cada um volta à sua prisão interior...

Ela – É sempre melhor do que compartilhar a mesma cela e ter apenas uma pessoa para conversar.

Ele – Você está certa... No final, a prisão se parece um pouco com o casamento.

Ela – E frequentemente é prisão perpétua. Especialmente em caso de bom comportamento.

Ele – Especialmente em caso de bom comportamento.

Ela – Sim... Às vezes as pessoas se casam na prisão, mas curiosamente, nunca é com seu colega de cela.

Ele – Dez anos... Aproveite para escrever um romance...

Ela – Que tipo de romance se pode escrever na prisão?

Ele – Um romance sobre a liberdade, suponho.

Ela – Sim, vou considerar isso.

Ele a vê partir. Ela sai. Ele examina a pistola na mesa, depois se volta para o público.

Ele – Saí bem disso, não foi?

Escuro

Cena 4

Ela está sentada à sua mesa, rabiscando em seu caderno. Ele se aproxima e se dirige a ela.

Ele – Desculpe... A senhora é a esposa de José-Luis...? Quero dizer... a viúva.

Ela levanta o olhar para ele.

Ela – Quem é você?

Ele – Infelizmente, não posso lhe dizer meu nome. Saiba apenas que fui colega do seu marido.

Ela – Meu marido trabalhava no Serviço de Registro de Veículos na Chefatura Provincial de Tráfego de Lisboa.

Ele – Sim, de fato, é lá que supostamente trabalhávamos juntos.

Ela – Supostamente?

Ele – Era uma cobertura.

Ela – Uma cobertura? Então, meu marido...

Ele – Não posso lhe dizer algo mais específico. Só queria que soubesse que seu marido não morreu da maneira boba que a senhora acredita.

Ela – Ah, não?

Ele – Não.

Ela – De qualquer forma, é muito gentil da sua parte tentar me convencer do contrário.

Ele – Senhora, seu marido morreu pela pátria.

Ela – Meu marido morreu fulminado enquanto tentava fechar um guarda-sol para impedir que o vento o levasse.

Ele – Essa é, de fato, a versão oficial.

Ela – Porque poderia haver outra versão?

Ele – José-Luis foi fulminado, com certeza, mas não por uma tempestade.

Ela – Estou ouvindo...

Ele – Ele foi atingido por um raio laser de uma aeronave de combate voando a grande altitude.

Ela – Um avião de combate?

Ele – Uma aeronave de uma potência estrangeira.

Ela – Mas... por que uma potência estrangeira iria querer eliminar meu marido?

Ele – Porque ele era um agente especial, assim como eu.

Ela – Um agente secreto, quer dizer? Tipo James Bond...

Ele – Se quiser colocar dessa forma, sim...

Ela – Eu que achava que era a viúva de um simples funcionário sem importância.

Ele – Acredite em mim, estimada senhora, seu marido não era apenas um funcionário do Serviço de Registro de Veículos. Ele morreu em uma missão, como um herói, defendendo o país.

Ela – Em uma praia nas Canárias?

Ele – Portugal tem inimigos por todo lado. Até mesmo nas Canárias.

Ela – E por que vir me contar tudo isso agora?

Ele – Para honrar a memória dele... e para aliviar um pouco a sua dor, que sei que é imensa. Seu marido não foi vítima de um acidente estúpido. Ele caiu no campo da honra. E se ele não recebeu uma condecoração póstuma... Desculpe! Se não houve um funeral nacional, foi para preservar o anonimato dele... e também para protegê-la.

Ela – Acha que estou em perigo?

Ele – Não posso dizer mais. Mas, se isso pode tranquilizá-la, saiba que está sob proteção policial constante, muito discreta, mas muito eficaz.

Ela – Isso me conforta bastante, na verdade.

Ele – Devo deixá-la agora.

Ela – Vou ver você de novo?

Ele – Não se preocupe. Mesmo que não me veja, nunca estarei longe de você, pronto para intervir em caso de perigo. Serei seu anjo da guarda, por assim dizer.

Ela – Obrigada.

Ele – Tenha um bom dia, querida senhora.

Ele se afasta e se senta em sua mesa como se nada tivesse acontecido. Ela o observa por um momento, intrigada, antes de voltar a se concentrar em seu caderno.

Escuro

Cena 5

Ele – E pronto... Acabou-se... Ela não está aqui... Não tenho o número de telefone dela, nem sei como ela se chama de verdade... Não é Virginia, de qualquer forma. Nem Sherazade. *(Dirigindo-se ao público)* Suponho que ninguém aqui a conhece também, nos cafés, passa tanta gente. Eu mesmo, se tivesse que descrevê-la, não saberia o que dizer... Tem uns olhos bonitos... Um sorriso encantador... Um jeito próprio de andar... De passar a mão pelo cabelo... E deixa um rastro de perfume misterioso... É um pouco escasso para um retrato falado. Não tenho certeza se um detetive particular chegaria muito longe com isso... Estou ficando louco. O que estou dizendo? Não vou contratar um detetive para encontrar uma desconhecida que encontrei num café... ou ir à polícia denunciar o desaparecimento intrigante de uma vizinha de mesa que nem conheço? Por que não ativar um alerta de sequestro também? Ou talvez ela venha em outro horário... Mudaram o horário dela e ela começa a trabalhar um pouco mais tarde. É incrível. Como alguém que você nem conhece pode fazer tanta falta? Enquanto a maioria das pessoas que você conhece, quando estão ausentes por alguns dias, você sente que é você quem está de férias. Bem... Se eu não a ver novamente, ou se ela vier apenas de vez em quando, vou ter que arranjar uma substituta. Pelo menos a meio período. Afinal, ela ou qualquer outra pessoa. Já que de qualquer forma, não a conheço, não deveria ter muitos problemas em encontrar uma sócia para ela.

Ele percorre a sala com o olhar e para em uma mulher, localizada mais ao fundo, para que não se saiba exatamente a quem ele está se dirigindo.

Ele – Bem, esta não está mal... Não se parece muito com ela, mas enfim... Sim, poderia servir... A senhora se importa se eu fantasiar um pouco com a senhora, à distância? Não se preocupe, senhor... Eu nunca lhe dirigirei a palavra. Eu teria medo demais que ela não estivesse à altura das minhas expectativas. E eu das suas, aliás. Não, nossa relação será completamente platônica. O que estou dizendo? Totalmente virtual. Nem mesmo um olhar sugestivo, muito menos inapropriado. Respeito às distâncias de segurança. Gestos de barreira. Uso obrigatório de máscara... Tudo certo? Muito bem, então vou me sentar ali e continuar a observá-la discretamente de canto de olho enquanto imagino coisas... e quando ela não estiver mais aqui, vou pensar em você de vez em quando.

Ele se senta e tira o caderno, onde faz alguns rabiscos. Lançando de vez em quando um olhar mais ou menos intenso para a mulher.

Cena 6

Ela chega e o procura com o olhar.

Ela – Não vim ontem, para evitar que ele comece a considerar nossos encontros casuais, por mais regulares que sejam, como um encontro diário. Para manter nele essa deliciosa e dolorosa sensação de ausência e, portanto, dependência... Mas hoje é ele quem não está... Deve estar cansado dessa aventura puramente imaginária. *(Olhando para o fundo da sala na direção da mulher para quem o homem se dirigiu anteriormente)* Ou talvez tenha conhecido outra pessoa, que na extrema pobreza da sua realidade, ao menos permite satisfazer seus desejos mais medíocres. Que pena. Começava a me afeiçoar, mas enfim... Será realmente possível estabelecer um relacionamento amoroso evitando nos conhecer? Mesmo quando mentimos, sempre nos revelamos um pouco. No final das contas, o personagem que inventamos é ainda mais revelador do que quem somos de fato. Com certeza teve medo. Ou talvez esteja de férias, simplesmente. Doente, talvez. Ou até morto. Afinal, não precisa dar satisfações a mim. E eu a ele também. Somos um casal livre. Nem nos conhecemos! Que pena, voltarei amanhã...

Ela se prepara para sair, mas vê um caderno na mesa onde ele costuma se sentar.

Ela – Ah, esqueceu o caderno dele. *(Parece hesitar)* O que faço? Pego? E devolvo quando o vir. Ou deixo aqui, para que ele mesmo o encontre mais facilmente. Vou deixar... *(Está prestes a sair)* Mas poderia aproveitar para dar uma olhada... Não, não é certo, seria muito indiscreto. Talvez seja o diário dele, ou algo assim... Sim, mas se outra pessoa o encontrar no meu lugar e o levar...

Pega o caderno. Ela sai.

Escuro

Cena 7

Ela está sentada em sua mesa habitual, rabiscando em seu caderno. Ele chega e se aproxima dela.

Ele – Olá... Tive que me ausentar por uns dias. Espero que eu não tenha feito falta demais...

Ela finge surpresa.

Ela – Ah sim...? Não se preocupe, eu também não estava aqui...

Ele – De qualquer forma, fico feliz em te ver de novo.

Ela – Sim...

Pequeno constrangimento.

Ele – Desculpe, vou te deixar trabalhar...

Ela – Não, não estou trabalhando... Bem, sim, mas... é difícil considerar isso como trabalho...

Ele – A escrita...

Ela – Sim...

Ele – A inspiração...

Ela – Se soubéssemos onde encontrá-la... não perderíamos tanto tempo procurando por ela em outros lugares.

Ele – A inspiração é como um raio. Nunca se sabe onde e quando vai te atingir... Desculpa, não queria trazer memórias dolorosas à tona...

Ela – Então você está com bloqueio criativo?

Ele – Por enquanto, é você quem me inspira.

Ela – Você não sabe nada sobre mim.

Ele – Justamente, posso imaginar tudo. Uma desconhecida é como uma página em branco.

Ela – Uma história a ser escrita... (*Ligeiramente desconfortável*) Falando nisso... encontrei isso.

Ela lhe entrega o caderno.

Ele – Ah, sim...

Ela – É seu, não é?

Ele – Você o abriu?

Ela – Claro que não! Quem você pensa que eu sou?

Ele – Desculpe...

Pega o caderno.

Ela – Eu o abri...

Ele – Claro...

Ela – Você está me culpando por isso?

Ele – Como resistir à tentação? É um pouco como a história de Eva e o paraíso perdido. Alguém se condenaria por saber.

Ela – E quando se sabe, sempre fica um pouco decepcionado.

Ele – Percebemos que ao escolher o conhecimento, renunciamos ao maravilhoso que o desconhecido poderia conter.

Ela – Sim... Mas a maçã também pode ser uma armadilha.

Ele – Nesse caso, você seria Branca de Neve.

Ele – E se você deixou esse caderno aqui de propósito, intencionalmente para que eu o encontrasse...

Ele – É uma possibilidade...

Ela – Então, o que está escrito neste caderno pode ser outra ilusão. Uma invenção para ocultar sua própria realidade, se é que você tem alguma...

Ele – De qualquer forma, não estamos mais em pé de igualdade. Você sabe o que está no meu caderno, eu não sei o que está no seu.

Ela – Isso é verdade. *(Ela lhe entrega seu caderno)* Aqui está...

Ele pega o caderno.

Ele – Você também poderia ter inventado tudo.

Ela – Nesse caso, estaríamos novamente em pé de igualdade.

Ele abre o caderno, dá uma olhada e olha para ela com um sorriso enigmático.

Escuro

Cena 8

O homem está sentado em sua mesa. Escreve em seu caderno. Ela chega e se dirige a ele.

Ela – Então, como vai esse romance?

Ele – Está quase terminado... Só falta encontrar o título...

Ela – Às vezes, isso é o mais difícil.

Ele – Sim... Um pouco como escolher um nome para um filho.

Ela – Mas você já conhece o conteúdo do romance que escreveu. Só precisa encontrar um título que se encaixe. Enquanto que com um filho, você precisa escolher um nome sem ainda conhecê-lo.

Ele – Com o risco de projetar nele uma imagem que não corresponderá a ele.

Ela – Deveríamos deixar as crianças escolherem o próprio nome.

Ele – Sim... Mas com que idade?

Ela – Não sei.

Ele – Ou talvez devesse ser possível trocar de nome várias vezes ao longo da vida.

Ela – Na verdade, deveríamos ter o direito de trocar de vida várias vezes na vida... E sobre o que é esse romance?

Ele – É a história de um homem que encontra uma bela desconhecida em um café todos os dias. Ele gostaria de abordá-la, mas...

Ela – Se ele a abordar, perderá todo o mistério e, portanto, grande parte do seu encanto...

Ele – Por outro lado... se ele não se aproximar dela, perderá uma bela história e a perderá para sempre.

Ela – Então ele está em dúvida... E como se chama... a bela desconhecida dele?

Ele – É como com o título, ainda não dei um nome... E você, como está indo com sua peça de teatro?

Ela – Ainda é cedo para falar dela...

Ele – Entendo... Você leu o jornal?

Ela – Ainda não, por quê? Alguma notícia interessante?

Ele – Como escritor, me interesso principalmente pelas notícias de acontecimentos... Geralmente é nessa seção que a humanidade revela o pior de si, e raramente o melhor.

Ela – As pequenas histórias muitas vezes são mais emocionantes que as grandes.

Ele – O jornal é para o café o que a Bíblia é para a igreja. De fato, a Bíblia é provavelmente inicialmente uma compilação de notícias de acontecimentos que foram se transformando e se embelezando ao longo do tempo para se tornarem mitos.

Ela – E então? Como foi a pescaria esta manhã?

Ela pega um jornal da mesa e mostra um artigo.

Ele – Olhe, aleatoriamente... uma mulher, presa por tentativa de assassinato ao marido, escapa ameaçando seus guardas com uma arma falsa...

Ela – Ah sim... Um bom escritor poderia transformar isso em um romance.

Ele – Ou em uma peça de teatro.

Ela pega o jornal e mostra outro artigo.

Ela – Aqui está outro que pode te interessar: o pacato funcionário do Serviço de Registro de Veículos na verdade era um agente secreto.

Ele – A realidade muitas vezes supera a ficção.

Ela – Não quero te distrair mais do seu trabalho de escrita... Não quero que seus leitores fiquem sem uma obra-prima por minha causa.

Ela se senta. Ambos começam a escrever em seus cadernos.

Escuro

Cena 9

Ela está sentada em sua mesa. Ele chega e lhe entrega um livro.

Ele – Toma, é para você...

Ela – O que é isso?

Ele – Meu primeiro romance.

Ela pega o livro e olha a capa.

Ela – Então, no final você encontrou o título.

Ele – O que acha disso?

Ela – Preliminares... É um título emocionante...

Ele – É a história de um encontro.

Ela – Cada encontro tem um ritmo como um ato de amor.

Ele – Há preliminares onde se imagina e explora em silêncio...

Ela – Pelo maior tempo possível.

Ele – Então chega aquele breve momento em que finalmente se inicia a conversa para penetrar na intimidade do outro.

Ela – Seguido por aquele momento interminável de plenitude e tédio, tingido por uma leve decepção que se tenta ocultar com conversas triviais...

Ele – Aguardando que com o esquecimento retorne o desejo de explorar o desconhecido.

Ela – E que desta vez, os preliminares possam durar eternamente... Obrigada pelo livro.

Ele – É um pouco graças a você que eu o escrevi...

Ela – Fala de mim?

Ele – De você... De nós...

Ela – Nós?

Ele – Principalmente de mim. E você, como anda essa peça de teatro?

Ela – Está pronta.

Ele – Poderia vê-la...?

Ela – Acho que não.

Ele – Por que não?

Ela – Porque acabamos de representá-la.

Eles sorriem.

Escuro

Cena 10

O homem e a mulher estão sentados no centro, na mesma mesa, onde ainda há alguns jornais. Eles tomam um café sem falar ou se olhar. Cada um pega um jornal e o folheia. Ele coloca o dele de volta primeiro e fixa o olhar em alguém no fundo da sala.

Ele – Você notou aquela moça ali?

Ela coloca o jornal dela e olha na mesma direção.

Ela – Que moça?

Ele – Ela está sempre aqui na mesma hora que nós neste café. Exatamente na mesma hora. Sempre sentada na mesma mesa.

Ela – E daí, o que tem?

Ele – Nada... Fico pensando quem pode ser...

Ela – Como quem pode ser...?

Ele – Não sei... Como se chama... O que faz da vida...

Ela – Você pode ir lá e perguntar.

Ele – Não sei o que ela pode estar escrevendo em seu caderno pequeno.

Ela – Talvez seja uma lista de compras...

Ele – Sim, é possível.

Ela – Cotonetes, lenços descartáveis, papel higiênico, proteção feminina...

Ele – Eu estava pensando em algo mais romântico...

Ela – Você está tão interessado assim?

Ele – Nela em particular? Não... É só curiosidade. Olho as pessoas. Tento imaginar suas vidas...

Um momento de silêncio.

Ela – Foi assim que nos conhecemos, lembra?

Ele – Sim. Quando você ainda era uma desconhecida para mim...

Ela – Foi em um café.

Ele – Neste café.

Ela – Parece que foi ontem.

Ele – Você estava sentada nesta mesa.

Ela – Você veio até mim e me disse... que tinha encontrado um brinco.

Um momento de silêncio.

Ele – Ainda o tenho.

Ela – O quê?

Ele tira algo do bolso e mostra para ela.

Ele – O brinco.

Ela – E você ainda usa de vez em quando?

Ele – Não...

Ela – É bonito.

Ele – Nunca saberei a quem pertence. Em algum lugar deste mundo há uma moça que usa o outro. Uma moça que nunca conhecerei. Talvez essa moça...

Um momento de silêncio.

Ela – Era meu.

Ele – Desculpe?

Ela tira algo do bolso e mostra para ele.

Ela – Olhe, ainda tenho o outro.

Ele – Por que você não me disse naquele momento?

Ela – Suponho que para que você pudesse continuar procurando.

Ele estende o brinco que está em sua mão.

Ele – Bem, aqui está, eu te dou de presente...

Ela – Obrigada.

Há um leve desconforto.

Ele – Você não os usa?

Ela coloca os dois brincos. Ele a olha e sorri.

Ele – Eles não são... exatamente iguais.

Ela – Não, nunca consegui encontrar o mesmo.

Ele – Ainda assim ficam muito bem em você...

Eles se olham.

Ela – Desculpe, mas...

Ele – Sim?

Ela – Nos vemos todos os dias neste café e nunca realmente conversamos... Poderíamos nos conhecer...

Ele segura a mão dela.

Ele – Prefiro que você mantenha um pouco do seu mistério.

Seus lábios se aproximam para se beijarem.

Escuro

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comedias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Apenas um instante antes do fim do mundo
Gay friendly
Há um autor na sala?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
Pequeno homicídio sem consequências
Quarentena
Quatro estrelas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas
ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Agosto de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-975-1

Documento para download gratuito